



EMBARGO ATÉ O MOMENTO EM QUE O TEXTO É PRONUNCIADO

Congregação Geral 8 - 13 de outubro de 2023

Intuições espirituais

"Então as mulheres se lembraram das palavras de Jesus.

*⁹ Voltando do túmulo, anunciaram tudo isso
aos Onze e a todos os outros" Lc 24,8*

As mulheres e a missão (I.L., B.2.3; La 11,15-28; Atos 16,13-15)

Ir. Maria Grazia Angelini O.S.B

Corresponsáveis na missão. Para uma consciência do significado e do conteúdo, como partilhar dons e tarefas ao serviço do Evangelho. B 2.3 Como pode a Igreja do nosso tempo cumprir melhor a sua missão através de um maior reconhecimento e promoção da dignidade batismal da mulher? Não se trata de promoção e reconhecimento num sentido mundano, de direitos e desejos, mas do bem-estar da Igreja. Na fidelidade à Origem, que é Jesus, ao seu estilo, às suas palavras, aos seus silêncios, às suas escolhas

O Evangelho é inspirador: e, também para estes dias do Sínodo, antes de mais a partir da Eucaristia. Celebrar na fé é o ventre gerador de toda a reforma da Igreja. E aqui, a perícopes de hoje (inseparável da de amanhã), num momento crítico da comunicação de Jesus com a multidão, no meio do conflito de interpretações **introduz, entrelaçado com as palavras de Jesus** ("aconteceu que, *enquanto Jesus dizia isto, ...*"), **o grito de uma mulher**. Perturbador, **o grito de uma mulher** da multidão: ela é tocada pela revelação de Jesus e - inspirada, como mulher ignorante -, talvez com um ditado popular, proclama a "bênção do ventre". Em admirável correspondência com a bênção proclamada no início do Evangelho por outra mulher, também ali em resposta ao sinal captado pelo ventre (Lc 1,45: "Bendito é o fruto do teu ventre...!"), "Benditos os ventres...!", diz. **A multidão anónima sente** que naquele homem, o Rabi de Nazaré que faz falar aquele que estava possuído **por um demónio mudo**, está em jogo a geração, a vida de todos. Intui **o mistério original da geração** que nele se revela. Ele intui, ele grita, **mas não sabe como dizer**, e **invoca** implicitamente **aqueles que vão realizar** a sua intuição.

E Jesus assume a sua intuição visceral, desdobra-a transformando-a e descodificando a sua irrupção: e é a dissolução do conflito de interpretações que o assediavam. Revela o que é apenas um grito, um espanto interrogativo: no humano de Jesus, Deus fala, e esse humano, gerado de um ventre, envolve-o no seu mistério.

"Não é carne, nem sangue" (cf. Mt 16,17; cf. Lc 8,21), já tinha dito a Simão - a outro grito de fé. **SEM CONTRADIZER A MULHER DO POVO, ELE A DESMASCARA, REVELA A VERDADE E, ASSIM, ANULA** a insinuação dos adversários: **a alegria está em escutá-lo, acolhê-lo, e ser-lhe criativo**. Escutar, compreender, dar corpo ao Verbo, ao Verbo no princípio gerado.

Assim, o diálogo relâmpago entre Jesus e a mulher anónima da multidão **está** cheio de força simbólica e inspiradora. E, a partir **daí**, desta humilde voz profética - aceite e negada, e até mesmo reexpressa - Jesus pode retomar a dolorosa viagem para Jerusalém, entre suspeitas insidiosas e o espanto dos mais pequenos.

Um pouco como aconteceu em Caná, com o grito da mãe que Jesus interroga e transforma: "Eles não têm vinho" (ou com a samaritana, ou com a cananeia, ou com Maria de Magdala).

Este Evangelho, a partir das suas margens luminosas, evangeliza poderosamente o encontro interrogativo deste Sínodo sobre o tema da missão e o reconhecimento das diferentes expressões dos ministérios. O grito dessa mulher anónima, na sua humildade, **exorciza verbalismos e processualismos**. Suscita perguntas fecundas e abre o caminho: "Aquele que escuta a Palavra e a guarda".

E a luz, em sentido convergente, parece-me surgir se colocamos esta conjuntura do Evangelho ao lado do relato dessa passagem crítica da Igreja apostólica (Atos 16) em que, na desorientação dos projetos dos missionários, atravessada pela irrupção do Espírito, o Evangelho entra na Europa. E uma fecundidade sem precedentes abre-se à missão, graças ao contributo humilde e generativo das mulheres. Serão elas meras figurantes? Não, simplesmente **"tomadas pela Palavra", abrem espaços inéditos para o Evangelho**.

Acabara de se realizar o Concílio de Jerusalém (Atos 15), os caminhos do Evangelho começam a irradiar para fora da terra de Israel, não sem **percursos acidentados**. Logo a seguir à primeira viagem missionária, **surgem divergências amargas** entre Paulo e Barnabé, embora amigos do coração. Um discernimento controverso sobre a presença do jovem Marcos leva a uma separação (Atos 15,36-40). Temos de imaginar um processo de compreensão difícil. **A diferença - e mesmo o conflito -, embora necessária e fecunda na Igreja, distingue-se** do contraste briguento e envenenado, porque nunca demoniza o adversário, mas abre-lhe espaço. Depois de se terem separado, Paulo e os seus colaboradores¹ depararam-se mais tarde com **obstáculos imprevistos**, ou melhor, como diz o livro dos Atos, "o Espírito Santo **os havia impedido** de proclamar a Palavra na Ásia" (Atos 16,6). O Papa Francisco recordou-nos na homilia de abertura desta Assembleia Sinodal: "Tantos itinerários missionários chegam a bicos sem saída, na realidade a crise abre novas visões de Igreja".

¹ Aqui, entre outras coisas, a narrativa dos Atos (16,10) começa a ser proposta na primeira pessoa do plural, no "nós", com o qual Lucas entra com as pontas dos pés como narrador protagonista (já nos Atos 11,27). Esta mudança do ponto de vista narrativo, com a qual Lucas entra na Europa ao lado do Apóstolo, dá maior ênfase ao carácter "sinodal" da segunda viagem missionária: "nunca sem o outro".

Em Tróade, um porto, ponto de partida para chegar à Europa, **Paulo tem uma visão**: um macedônio que lhe suplica: "Passa à Macedônia e ajuda-nos". O grito do pagão desvia os planos de Paulo. Não é a primeira vez que esta **mudança de itinerário é efetuada por um Sopro do Alto**. A passividade e a inquietação do sonho, da visão que desorienta, abre cenários totalmente novos. Abre conflitos, abre horizontes. É assim que começa a segunda viagem missionária. Partindo de premissas desorientadoras.

E a Igreja desembarca na Europa, e fá-lo de uma forma surpreendente e nova: a partir das margens, desde a beira do rio, à saída da rica cidade romanizada. '... as mulheres tinham-se reunido ali para rezar'. Estranhamente, **uma liturgia fora do ritual, feminina**, ao ar livre, acolhe Paulo. O apóstolo, aqui, não parte, como é seu hábito, da sinagoga (provavelmente em Filipos, uma colônia romana, nem sequer existe). Ele insere-se numa liturgia feminina "não ritual", irrompendo nela com a palavra do Evangelho.

Como na aurora pascal, **este início/limiar falta também nos homens**. O apóstolo é precedido, e acolhido, pela *koinonia* insólita das mulheres em oração, a céu aberto. Aqui desembarca Paulo, com a sua paixão pelo Evangelho.

O percurso do Evangelho na Europa começa assim. Em Filipos, a missão sai de um território delimitado e encontra novos espaços. Novas linguagens inauguradas por mulheres, que Paulo não despreza, antes aproveita como um *kairós*: anuncia-lhes, entra em diálogo. Lídia, uma humilde adoradora de Deus e comerciante de púrpura, tornar-se-á a primeira crente em terras da Europa.

Lídia **identifica-se por ser "ouvinte" da Palavra** - uma docilidade dialógica, livre e criativa: ela guarda a Palavra ao pedir o **reconhecimento** do apóstolo **oferecendo** hospitalidade: "**Se julgaste** que sou fiel ao Senhor, vem": esplêndida inclusão de dons que gera a Igreja. O poder de discernimento do apóstolo, e antes a simples abertura de coração que abre novos cenários para a missão.

E assim, Lídia oferece a sua casa aos apóstolos, "obrigando-os" a aceitar (16,15). Neste **limiar**, **nasce a Igreja** na Europa, num gesto que surge como **prática da fé** ("se julgastes que sou crente"), e **organiza o espaço** da *domus* ("vinde e ficai em minha casa").

A casa de Lídia é assim redesenhada pela irrupção do Evangelho. Como Jesus tinha feito e ordenado: em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, procurai uma casa (Mt 10,11). Um espaço feito de vínculos e não de paredes. Espaço eclesial fundamental, "domus" que hoje exige poderosamente ser redescoberto e articulado em novas linguagens, segundo a sabedoria original.

O nascimento de uma igreja na Europa evoca a história original. **Recorda a novidade - até que ponto é hoje apreendida e compreendida? -, inaugurada por Jesus com aquelas mulheres que o seguiam**, sustentando o seu ministério com as suas riquezas (é ainda Lucas que narra: Lc 8,1-3): todo o caminho até a cruz, até o túmulo aberto e até o jardim. Ao terceiro dia...

O movimento originado pelo Evangelho, alma de todo verdadeiro caminho sinodal, gera relações novas e geradoras. E o contributo das mulheres, muito diferentes umas das outras (a mulher do povo, a empresária de Cirene...), alimenta incessantemente o dinamismo espiritual

da reforma - quando a forma se torna inadequada ao mistério que transmite. O Vaticano II inaugurou um movimento de reforma que tinha sido interrompido.

Pois bem, à luz das Origens - o estilo de Jesus -, parece entender-se que a mulher é um **elemento dinâmico da missão**, como uma presença que - em passagens críticas, de rutura, inquietantes - intui o movimento da vida, tece relações novas, improváveis, pacientemente traz e dissolve conflitos. Não se trata de uma questão de direitos, mas de dons recebidos.

Para a missão existem, portanto, diferentes diakonias. Em todo o caso, uma igreja sinodal “saliente” **encontra, no princípio assim como hoje, imediatamente a presença de mulheres, diversas e diferentes, não homologáveis - a discernir** (*"se julgaste que eu..."*), certamente, e na peculiaridade de cada uma a **integrar**. Esta é a evidência da Palavra. Um elemento inscrito nas raízes geradoras, como **traço constitutivo da novidade evangélica, durante séculos desconsiderada**. Jesus inovou, criou um estilo, arriscado e revelador, no seu modo de se relacionar com as mulheres, mas esta peculiaridade tem uma confirmação provocadora no temperamento da realidade atual. Hoje estamos na condição concreta de perceber que isso nos diz respeito, diz respeito à igreja que busca a reforma.

Para sair e anunciar a chegada do Reino, diz Jesus nos discursos de missão, é indispensável "a casa" (Lc 10,5-8: Mt 10,11-14). Entendida como um lugar de vínculos fiáveis e nutritivos. Um lugar de oração, às margens.

Assim, quando o Concílio, ao delinear a Igreja missionária, afirma que "... a vida contemplativa tem por objeto a presença da Igreja na sua forma mais plena" (*Ad Gentes*, 18), não faz eco deste mesmo traço, não esboça ministérios sem precedentes?

Perguntemo-nos onde está hoje este traço constitutivo da novidade evangélica **ligada ao estilo de Jesus**. Dado que o primeiro anúncio da ressurreição é confiado por ele, para os apóstolos, a uma mulher. E a primeira comunidade cristã, com o colégio dos apóstolos, tem Maria, a Mãe, como centro.

Surge a questão: como **o estilo de Jesus - certamente num contexto cultural, antropológico e social radicalmente alterado - conota a missão, numa cultura global que parece ter perdido os seus contornos, as suas raízes, as suas diferenças: em particular, como é que fermenta**, com a força geradora das relações inclusivas, e os **lugares e a linguagem da celebração, e da igreja em saída?**

O início da missão evangelizadora na Europa faz-nos refletir.

E àqueles cujos corações são sensíveis à sua visita, o Espírito revela formas e línguas para lhe dar carne.